



## **Do ficcional ao real: a construção de um discurso revolucionário. Uma análise semiótica do discurso da personagem V no filme V de vingança <sup>1</sup>**

Desireè FUMAGALLI<sup>2</sup>

Jordana FELCHILCHER<sup>3</sup>

Juliana PETERMANN<sup>4</sup>

Magnos CASAGRANDE<sup>5</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

### **RESUMO**

O presente artigo possui o intuito de compreender como se dá a construção de um discurso de convocação, através da análise do pronunciamento da personagem V do filme V de vingança. A metodologia se constrói a partir das noções do percurso gerativo de sentido, abrangendo os níveis: Fundamental, Narrativo, Discursivo e da Manifestação. Além disso, será feita uma análise dos aspectos estruturais do discurso.

**PALAVRAS-CHAVE:** discurso, convocação, percurso gerativo, V de vingança.

### **1. INTRODUÇÃO**

O objeto analisado nesse artigo foi escolhido devido ao contexto em que o Brasil viveu no ano de 2013, onde se viu a apropriação da máscara usada pela personagem V, do filme V de vingança, nas manifestações de grande magnitude que ocorreram por todo o país. O uso das máscaras fez referência à liga Anonymous, criada para reivindicar maiores direitos à população. O uso da máscara condiz com o que a personagem defende no filme, criando uma associação que vai do ficcional para o real, alcançando outros públicos e objetivos.

Como acadêmicas do curso de Comunicação Social, vemos no contexto citado, um objeto interessante ao estudo da Semiótica. A produção de sentido no ficcional perpassando o real evidencia essa migração tão comum nos dias atuais. O discurso

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no II – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. desi\_ribas@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Acadêmica do curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. j.felchilcher@gmail.com.br

<sup>4</sup> Orientadora. Professora Adjunta do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Tutora do Programa de Educação Tutorial – Ministério da Educação. jupetermann@yahoo.com.br.

<sup>5</sup> Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Bacharel em Publicidade e Propaganda pela UFSM. magnoscassiano@yahoo.com.br



analisado tem caráter convocatório e usa de tom revolucionário. A partir do percurso gerativo de sentido de Fiorin (2005), analisaremos de que forma um discurso desse caráter se constrói, quais as marcas e a estrutura do texto e como ele aparece atualizado nas manifestações, como os dois se entrelaçam.

## 2. METODOLOGIA

A metodologia escolhida foi a análise com base no percurso gerativo de sentido de Fiorin (2005), perpassando todos os níveis que o compõem, bem como a análise dos aspectos estruturais do discurso, de Koch (1995), e da cena enunciativa com base em Maingueneau (1989). Os quadros abaixo sistematizam o percurso empregado na análise.

Nível Fundamental	Nível Narrativo
<b>Semântica</b> Contrariedade entre valores positivos e negativos, X vs. Y.	<b>Semântica</b> a) Objetos modais: o querer, o dever, o saber e o poder fazer, necessários para realizar a performance. b) Objetos de valor: objetos com que se entra em conjunção ou disjunção na performance.
<b>Sintaxe</b> a) Afirmação de A, negação de A, afirmação de B. b) Afirmação de B, negação de B, afirmação de A.	<b>Sintaxe</b> 1) Enunciados elementares: a) Enunciados de estado: estabelecem relação de junção entre um sujeito e um objeto. b) Enunciados de fazer: mostram transformações. 2) Narrativas mínimas: a) de privação: passagem de estado conjunto para um estado disjunto. b) de liquidação de uma privação: passagem de estado disjunto para um estado conjunto. 3) Sequência canônica: a) Manipulação: um sujeito age sobre outro para levá-lo a fazer algo. b) Competência: saber/poder fazer. c) Performance: transformação da narrativa. d) Sanção: final da transformação



Nível Discursivo	Nível da Manifestação
<b>Semântica</b> a) Tematização: consiste em extrair do discurso os valores abstratos ali encontrados e organizados em percursos. b) Figurativização: especifica e particulariza o discurso.	a) Recursos fônicos: aliteração e assonância. b) Recursos métricos e rítmicos c) Recursos sintáticos: paralelismos e estruturas frásicas. d) Figuras de construção: repetição, quiasmo e gradação. e) Recursos inerentes aos códigos de texto analisado
<b>Sintaxe</b> a) Operadores argumentativos: indicam a força argumentativa dos enunciados. b) Marcadores de pressuposição: introdutores de pressupostos. c) Indicadores modais ou índices de modalidades: sinalizam o modo como algo é dito. d) Indicadores atitudinais, índices de avaliação e de domínio: indicadores de atitude ou estado psicológico. e) tempos verbais: caracterizam a ordem do discurso. f) Índices de polifonia: indicam a voz que fala no texto. g) Gêneros de discurso h) Cenografia e dêixis: possuem a função de definir as coordenadas espaço-temporais. i) Ethos: a voz por trás do discurso.	

Como objeto de análise definiu-se o pronunciamento da personagem V do filme V de vingança. Tratando-se de um filme, é necessário contextualizar o presente discurso, porém a análise será centrada somente na transcrição do mesmo. No filme, a personagem está em um pronunciamento ao vivo transmitido para toda a população que no contexto vive em um regime totalitarista. Abaixo a transcrição do pronunciamento:



“Boa tarde, Londres.

Permitam-me que eu me desculpe. Como muitos de vocês, também gosto do conforto da rotina diária, da segurança do familiar, da tranquilidade do repetitivo. Gosto mesmo. Mas, no espírito da comemoração de um importante evento do passado, geralmente associado com uma morte ou algo horrível, sangrento e feio, celebramos um importante feriado.

Acredito que devemos marcar esta data de 5 de novembro, uma data que, infelizmente, ninguém lembra mais, parando um pouco o que estamos fazendo para falar dela. Existe, é claro, pessoas que não querem que falemos disso. Neste exato momento, ordens estão sendo dadas aos gritos, e logo logo homens armados aparecerão. Por que? Porque embora a violência venha a ser usada para acabar com nossa conversa, as palavras ainda permanecerão fortes. Palavras são chave para a compreensão, e para os que as ouvirem, significará a verdade. E a verdade é que há algo muito errado com este país, não acham? Crueldade e injustiça, intolerância e opressão. E quando se pensa em se ter liberdade para pensar e falar o que se acredita, a censura aparece e lhe convence do contrário, e você tem que obedecer.

Como isso aconteceu? De quem é a culpa? Certamente algumas pessoas têm mais culpa do que outras. E eles sabem disso. Mas novamente, se estão procurando o culpado, só precisam olhar no espelho. Sei por que fizeram isso. Entendo porque estão assustados. Quem não estaria? Terror, guerra, doença. Há uma magnitude de problemas que colaboraram para corromper nossa razão e sufocar nosso bom senso. O medo é capaz de mudar você. E, no pânico, vocês se voltaram para o, agora Chanceler, Adam Sutler. Ele lhes prometeu ordem, ele lhes prometeu paz, e tudo o que pediu em troca foi silêncio e obediência. Na noite passada, eu quebrei o silêncio. Na noite passada, eu destruí o velho Bailey para lembrar nosso país do que ele esqueceu.

Mais de 400 anos atrás, um grande cidadão quis marcar o 5 de novembro para sempre em nossas memórias. Ele queria lembrar o mundo que justiça, liberdade e transparência são mais que simples palavras. São perspectivas. Mas se vocês não querem ver, se os crimes deste Governo não significam nada para vocês, então deixem o 5 de novembro passar em branco. Mas se vocês vêem o que eu vejo, se sentem o que eu sinto, se procuram o que eu procuro, então juntem-se a mim, daqui a um ano, a contar de hoje à noite, em frente ao Parlamento. E juntos, daremos a eles um 5 de novembro que eles nunca, jamais esquecerão.”



A partir do presente discurso busca-se compreender do nível mais concreto ao mais abstrato do percurso gerativo de sentido, segundo Fiorin (2005), conforme o representado nos quadros anteriormente.

### **3. ANÁLISE**

#### **3.1 Nível fundamental**

O nível fundamental constitui o primeiro nível a ser analisado, pois transmite a concretude, ou seja, representa tudo que está na base de construção de um texto.

##### **3.1.1 Semântica**

Segundo Fiorin (2005), a semântica do nível fundamental se estrutura em uma dualidade, em que está imbricada uma relação de contrariedade entre valores positivos e negativos, respectivamente a euforia e a disforia. A relação identificada no objeto em questão pode ser descrita pela oposição conforto vs. desconforto, onde o conforto é evidenciado quando a personagem aponta os motivos pelos quais a população se sente segura, ao passo que o desconforto aparece na clara intenção da personagem em instigar os habitantes a enfrentarem o medo para alcançar uma mudança, esse medo é traduzido em desconforto. Dessa forma a euforia é o desconforto, e a disforia o conforto, constituindo valores contrários um ao outro.

##### **3.1.2 Sintaxe**

A sintaxe dá continuidade à oposição destacada na semântica, abrangendo duas operações: negação e asserção. São conhecidas portanto duas possibilidades: afirmação da euforia, negação da euforia, afirmação da disforia, ou, afirmação da disforia, negação da disforia, afirmação da euforia. No texto analisado ocorre afirmação do conforto (“Como muitos de vocês, também gosto do conforto da rotina diária, da segurança do familiar, da tranquilidade do repetitivo”), negação do conforto (“E quando se pensa em se ter liberdade para pensar e falar o que se acredita, a censura aparece e lhe convence do contrário, e você tem que obedecer”), afirmação do desconforto (“O medo é capaz de mudar você”/ “Mas se vocês vêem o que eu vejo, se sentem o que eu sinto, se procuram o que eu procuro, então juntem-se a mim, daqui a um ano, a contar de hoje à noite, em frente ao Parlamento”).



### 3. 2 Nível Narrativo

O nível narrativo é aquele que compreende uma transformação, ou seja, para que exista narratividade deve existir a mudança de um estado A para um estado B.

#### 3. 2. 1 Sintaxe

A sintaxe narrativa abrange “dois tipos de enunciados elementares” (FIORIN, 2005), os de estado e os de fazer. Os enunciados de estado são aqueles que estabelecem uma “relação de conjunção ou disjunção entre um sujeito e um objeto”, sendo a conjunção uma afirmação e a disjunção uma negação. Já os enunciados de fazer são os que pressupõem uma mudança de estado, mostrando uma transformação. Através das duas possibilidades existentes nos enunciados de estado, são indicadas duas narrativas mínimas: a de privação (passagem de uma conjunção para uma disjunção) e a de liquidação da privação (passagem de uma disjunção para uma conjunção). No objeto, a conjunção é o desconfortável e a disjunção o confortável. Nesse caso não há transformação, há uma proposição de uma narrativa de liquidação de uma privação (disjunção - conjunção), visto que a transformação está implícita.

A sintaxe também compreende a sequência canônica, uma sequência de enunciados de ser e de fazer que são organizados em quatro fases:

- a) Manipulação: nessa fase o sujeito atua sobre outro com a intenção de fazê-lo agir de determinada forma. São exemplos de manipulação: tentação, intimidação, sedução, provocação.
- b) Competência: nessa fase o sujeito é dotado de algum artifício que possibilita que a transformação central da narrativa seja realizada. Esse artifício pode aparecer de diferentes formas e formatos, podendo ser objetos ou conhecimento sobre algo.
- c) Performance: na Performance ocorre a transformação central da narrativa, ou seja, a mudança de um estado a outro.
- d) Sanção: é o fechamento da narrativa, nessa fase constata-se a realização da performance pelo sujeito. Pode ocorrer a distribuição de prêmios e castigos.

As fases da sequência canônica citadas “não se encadeiam numa sucessão temporal, mas em virtude de pressuposições lógicas” (FIORIN, 2005). A partir disso, constata-se que o objeto analisado possui uma distribuição não linear da sequência canônica, transcrito abaixo:

#### a) Manipulação:

De acordo com Fiorin (2005), existem inúmeros tipos de manipulação,



exemplifiquemos com os trechos encontrados no texto: “Como muitos de vocês, também gosto do conforto da rotina diária, da segurança do familiar, da tranquilidade do repetitivo. Gosto mesmo.” (l. 2-3); “Acredito que devemos marcar esta data de 5 de novembro, uma data que, infelizmente, ninguém lembra mais, parando um pouco o que estamos fazendo para falar dela.” (l. 6-7); “E quando se pensa em se ter liberdade para pensar e falar o que se acredita, a censura aparece e lhe convence do contrário, e você tem que obedecer.” (l. 12-13); “Sei por que fizeram isso. Entendo porque estão assustados. Quem não estaria? Terror, guerra, doença. Há uma magnitude de problemas que colaboraram para corromper nossa razão e sufocar nosso bom senso.” (l. 16-17); “Ele lhes prometeu ordem, ele lhes prometeu paz, e tudo o que pediu em troca foi silêncio e obediência.” (l. 18-19); “Mas se vocês não querem ver, se os crimes deste Governo não significam nada para vocês, então deixem o 5 de novembro passar em branco. Mas se vocês vêem o que eu vejo, se sentem o que eu sinto, se procuram o que eu procuro.” (l. 24-26). Em todas essas frases a personagem atua sobre a população no intuito de fazê-los agirem de modo a apoiar a causa.

b) Competência:

Identificamos como competência a força presente nas próprias palavras, que conseqüentemente possibilitarão a transformação central da narrativa. As frases que mostram a competência são: “as palavras ainda permanecerão fortes. Palavras são chave para a compreensão, e para os que as ouvirem, significará a verdade.” (l. 10); “O medo é capaz de mudar você. E, no pânico, vocês se voltaram para o, agora Chanceler.” (l. 18); “Mais de 400 anos atrás, um grande cidadão quis marcar o 5 de novembro para sempre em nossas memórias. Ele queria lembrar o mundo que justiça, liberdade e transparência são mais que simples palavras. São perspectivas.” (l. 22-23)

c) Performance:

A mudança que caracteriza a performance foi identificada como sendo a primeira tomada de atitude relatada pela personagem e a possibilidade de futura transformação de acordo com a concordância e apoio dos ouvintes. Aspectos evidenciados nas seguintes frases “Na noite passada, eu quebrei o silêncio. Na noite passada, eu destruí o velho Bailey para lembrar nosso país do que ele esqueceu”. (l. 20-21) “então juntem-se a mim, daqui a um ano, a contar de hoje à noite, em frente ao Parlamento. E juntos, daremos a eles um 5 de novembro que eles nunca, jamais esquecerão”. (l. 26-27). A última frase já dá início a busca da sanção.

d) Sanção:



Essa fase encontra-se mais implícita no texto, trazendo alguns indícios claro, mas a conclusão se mantém subentendida nas seguintes frases: “Existe, é claro, pessoas que não querem que falemos disso. Neste exato momento, ordens estão sendo dadas aos gritos, e logo logo homens armados aparecerão.” (l. 7-9) “E a verdade é que há algo muito errado com este país, não acham? Crueldade e injustiça, intolerância e opressão.” (l. 11-12) “Como isso aconteceu? De quem é a culpa? Certamente algumas pessoas têm mais culpa do que outras. E eles sabem disso.” (l. 14-15) “Adam Sutler.” (l. 18). Ao encadear os trechos dessa forma podemos concluir a sanção como a determinação de acusação do chanceler Adam Sutler, porém, para que essa acusação se efetive e se construa um veredicto, é necessário o apoio da população, esses dois pontos encontram-se, portanto, imbricados e constituem juntos a sanção da narrativa.

### 3. 2. 2 Semântica

De acordo com Fiorin (2005), a semântica no nível narrativo ocupa-se dos valores inscritos nos objetos. São apresentados dois tipos de objetos: os objetos modais, que são elementos cuja aquisição é necessária para realizar a performance (o dever, o saber e o poder fazer); e os objetos de valor, que são os objetos que se entra em conjunção ou disjunção na performance principal, o objeto valor é aquele cuja obtenção é o fim último de um sujeito.

No texto em questão o objeto modal é representado pelas ‘palavras’, que funcionam como o meio de alcançar força para deixar o estado de conforto, pode-se observar claramente o objeto modal no seguinte trecho: “[...] nossa conversa, as palavras ainda permanecerão fortes. Palavras são chave para a compreensão” (l. 9-10).

O objeto de valor é representado pela ‘união’, indicado na seguinte frase: “E juntos, daremos a eles um 5 de novembro que eles nunca, jamais esquecerão.” (l. 27). Na frase é possível ver que a união dá a finalidade ao pronunciamento.

## 3. 3 Nível Discursivo

Esse nível atua como complementar do nível narrativo, revestindo as formas narrativas abstratas com termos que lhes dão concretude.

### 3. 3. 1 Sintaxe

#### 3. 3. 1.1 Índices de Polifonia

De acordo com Koch (1995, p. 63)

O termo polifonia designa o fenômeno pelo qual, num mesmo texto, se fazem ouvir “vozes” que falam de perspectivas ou pontos de vista deferentes com as quais o locutor se identifica ou não. Existem determinadas formas lingüísticas que funcionam como índices, no texto, da presença de outra voz. (KOCH, 1995, p. 63)

### 3.3.1.1.1 Operadores argumentativos

#### a) Mas, embora

Ambos estão presentes no texto e atuam dando enfoque a oposição sintática conforto vs. desconforto, como um meio de apontar argumentos e contra argumentos para persuadir a população.

“Gosto mesmo. *Mas*, no espírito da comemoração de um importante evento do passado, geralmente associado com uma morte ou algo horrível, sangrento e feio, celebramos um importante feriado”. (l. 3 -5); O primeiro ‘mas’ expõe a relação de gostar do conforto, mas precisar tomar uma atitude, apontando o desconfortável.

Obedecendo a linearidade do texto, o segundo operador encontrado é o embora: “Por que? Porque *embora* a violência venha a ser usada para acabar com nossa conversa, as palavras ainda permanecerão fortes”. (l. 8 -10), nesse trecho a ideia é mostrar que a violência será usada contra eles, porém as palavras não se perderão.

O terceiro operador argumentativo está na seguinte frase: “E eles sabem disso. *Mas* novamente, se estão procurando o culpado, só precisam olhar no espelho” (l. 16-17), onde aponta culpados, além de instigar as pessoas a sair da negação.

O quarto operador argumentativo busca evidenciar o que é certo, apontando a justiça vs. comodismo. “São perspectivas. *Mas* se vocês não querem ver, se os crimes deste Governo não significam nada para vocês, então deixem o 5 de novembro passar em branco”. (l. 26-27)

Por fim, concluindo cinco operadores, o último expõe a oposição contrária ao anterior, comodismo vs. justiça. “*Mas* se vocês vêem o que eu vejo, se sentem o que eu sinto, se procuram o que eu procuro, então juntem-se a mim, daqui a um ano, a contar de hoje à noite, em frente ao Parlamento”. (l. 28-29)

#### b) Operadores conclusivos

São encontrados no texto dois operadores conclusivos: ‘então’ e ‘logo’, o primeiro aparecendo em duas situações.

O primeiro operador apresenta a conclusão de “deixar em branco”: “Mas se vocês não querem ver, se os crimes deste Governo não significam nada para vocês,



*então* deixem o 5 de novembro passar em branco.” (l. 24-25). Já o segundo operador apresenta a conclusão de tomar uma atitude: “Mas se vocês vêem o que eu vejo, se sentem o que eu sinto, se procuram o que eu procuro, *então* juntem-se a mim, daqui a um ano, a contar de hoje à noite, em frente ao Parlamento.” (l. 25-27). As duas frases analisadas conjuntamente mostram a oposição sintática, compreendendo que, o primeiro operador é utilizado para dar base ao segundo, que constitui a conclusão de fato.

O operador conclusivo ‘logo’, aparece na frase: “Neste exato momento, ordens estão sendo dadas aos gritos, e *logo logo* homens armados aparecerão.” (l. 8-9), transmitindo a ideia de que homens vão aparecer devido a ordens que receberam.

#### 3.3.1.1.2 Marcadores de pressuposição

Segundo Ducrot (*apud* KOCH, 1995) o conteúdo pressuposto por esses marcadores não é de responsabilidade exclusiva do locutor, mas sim algo partilhado por ele e seu interlocutor, por ele e por terceiros, ou por toda a comunidade.

No objeto em análise, vemos alguns verbos que funcionam como marcadores de pressuposição como: “parando” (l. 7), “acabar” (l. 9), “obedecer” (l. 13), “fizeram” (l. 16), “mudar”(l. 18), “quebrei” (l. 20), “destruí” (l. 20), “lembrar” (l. 23) e “daremos” (l. 27).

Os verbos destacados pressupõem uma mudança de um estado inicial a um estado final, estados compartilhados pelos interlocutores do discurso analisado.

#### 3.3.1.1.3 O uso do futuro do pretérito como metáfora temporal

Nessa situação o locutor não se responsabiliza pelo que é dito, atribuindo-o a outrem. No texto em questão tem-se o uso do “estaria” (l. 16) e do “queria” (l. 23). Na frase “Quem não *estaria?*”, o uso do futuro do pretérito como metáfora temporal aparece para dar a ideia de que todos estão aterrorizados, sem nomear alguém em específico. Já na frase “Ele *queria* lembrar o mundo que justiça, liberdade e transparência são mais que simples palavras.”, o “ele” remete a “um grande cidadão” evidenciando quem queria lembrar.

#### 3.3.1.2 Ethos

Segundo Maingueneau (1995), o ethos é a voz por trás do discurso, modos de se expressarem únicos de cada orador e que conferem um tom e uma intenção aos discursos de forma implícita. É o tom que o papel social obriga a ter. “O tom esta



necessariamente associado a um *caráter* e a uma corporalidade. O “*caráter*” corresponde a esta conjunto de traços “psicológicos” que o leitor-ouvinte atribui espontaneamente à figura do enunciador, em função do seu modo de dizer.”

O objeto em questão trata-se de uma descrição textual de um discurso pronunciado em um filme, devido a isso, esse artigo não tem a intenção de se aprofundar nas questões visuais da personagem enquanto do pronunciamento do discurso, mas sim analisar o ethos identificado através do texto escrito. Ainda assim, levando em consideração o contexto do filme *V de Vingança*, vê-se no discurso analisado um tom revolucionário, com claras intenções de provocar uma mudança de pensamento e atitude em prol de uma mudança na sociedade e na política. Percebe-se certas marcas no discurso que evidenciam o tom que a personagem quer passar. Ao se comparar com os telespectadores ela se mantém no mesmo nível que o resto da população, facilitando a sua aproximação e manipulação (“*Como muito de vocês, também gosto do conforto da rotina, da segurança do familiar, da tranquilidade do repetitivo*”). O uso da informalidade, também com o intuito de aproximação, fica evidenciada em diversos trechos do discurso (“Porque embora a violência venha a ser usada para acabar com a *nossa conversa*, as palavras ainda permanecerão fortes”). A presença constante de verbos e pronomes na primeira pessoa do singular e na terceira do plural é também uma marca da informalidade e da intenção de aproximação para com as pessoas que o estão ouvindo, caracterizando uma conversa informal. (“*Sei por que fizeram isso*”). A repetição de palavras-chave no discurso enfatiza a mensagem que ele deseja passar, além de ser um modo característico da personagem se expressar. (“[...] as *palavras* ainda permanecerão fortes. *Palavras* são chave para a compreensão, e para os que as ouvirem, significará a *verdade*. E a *verdade* é que há algo muito errado com este país, não acham?”). Ao fazer perguntas aos ouvintes e sempre trazer as respostas mostra que ele possui a solução para os questionamentos que as pessoas possuem, evidenciando o conhecimento da personagem sobre o assunto e causando confiança nas pessoas que o estão escutando. (“Como isso aconteceu? De quem é a culpa? Certamente algumas pessoas têm mais culpa do que outras. E eles sabem disso. Mas novamente, se estão procurando o culpado, só precisam olhar no espelho.”)

Devido ao fato de que o objeto a ser analisado consiste em um discurso ficcional, buscamos fora desse contexto um discurso factual que possui o mesmo caráter revolucionário. “Mensaje a los Pueblos del Mundo”, pronunciado por Che Guevara em 16 de abril de 1967, contém algumas semelhanças presentes no objeto em questão. Um



trecho foi transcrito abaixo, afim de exemplificar essa semelhança:

“Podemos preguntarnos: esta rebelión, ¿cómo fructificará?; ¿de qué tipo será? Hemos sostenido desde hace tiempos que dadas sus características similares, la lucha en América adquirirá, en su momento, dimensiones continentales. Será escenario de muchas grandes batallas dadas por la humanidad para su liberación.”

“En el marco de esa lucha de alcance continental, las que actualmente se sostienen en forma activa son sólo episodios, pero ya han dado los mártires que figurarán en la historia americana como entregando su cuota de sangre necesaria en esta última etapa de la lucha por la libertad plena del hombre. Allí figurarán los nombres del comandante Turcios Lima, del cura Camilo Torres, del comandante Fabricio Ojeda, de los comandantes Lobatón y Luis de la Puente Uceda, figuras principalísimas en los movimientos revolucionarios de Guatemala, Colombia, Venezuela y Perú.”

Nesse trecho fica evidente o uso de perguntas como: “¿cómo fructificará?; ¿de qué tipo será?” e também o uso de verbos na primeira pessoa do plural: “Podemos preguntarnos”; “Hemos sostenido”. Essas características são empregadas na intenção de aproximação com a população. Além disso, as citações de nomes de importantes revolucionários instiga os interlocutores a aprimorarem sua conduta, tendo aqueles como referências de pessoas que tomaram uma atitude em prol de uma causa maior, levando à mudanças positivas em seus países. No discurso analisado, todos esses elementos também estão presentes, evidenciando a similaridade quanto a intenção: convocar uma população. Com base em tudo que foi ressaltado até o momento concluímos que o ethos da personagem possui tom revolucionário, que busca mudanças e que quer o apoio da população.

### **3.4. Nível da Manifestação**

Segundo Fiorin (2005), um texto surge da união do plano de conteúdo com um plano de expressão, visto que um não existe sem o outro. É no nível da manifestação onde podemos ler um texto de forma realmente completa, a partir dos efeitos estilísticos da expressão.

#### **a) Recursos fônicos:**

Esses recursos possuem como representantes as figuras de linguagem aliteração



e assonância, a primeira pode ser claramente observada no objeto, que, por se tratar de um pronunciamento, faz uso desse recurso como um meio de tornar a fala mais forte e fixá-la no ouvinte. São destacados os seguintes trechos: “[...] parando um pouco o que estamos fazendo para [...]” (l. 7); “Por que? Porque [...]” (l. 9); “[...] as palavras ainda permanecerão fortes. Palavras são chave para a compreensão [...]” (l. 10).

#### b) Figuras de construção

Representadas por recursos como: repetição, quiasmo e gradação. Nesse tópico está presente um dos principais recursos do texto em análise, a repetição, que se torna tão importante por se tratar de um pronunciamento, como já foi pautado anteriormente, ela cumpre o papel de enfatizar a fala. Seguem as repetições presentes no texto: “gosto” (l. 2)/“Gosto” (l. 3), “falar” (l. 7)/ “falemos” (l. 8)/ “conversa” (l. 10), “verdade” (l. 11)/ “verdade (l. 11), “culpa” (l. 14)/ “culpa” (l. 14)/ “culpado” (l. 15), “Ele lhes prometeu” (l. 18)/ “ele lhes prometeu” (l. 19), “Na noite passada” (l. 19-20)/ “Na noite passada” (l. 20), “Mas se vocês” (l. 24)/ “Mas se vocês” (l. 25), “nunca, jamais esquecerão” (l. 27).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise semiótica do objeto evidenciou-se a importância do uso dos elementos constituintes de um discurso de forma a gerar um sentido pretendido. No objeto analisado, percebeu-se diversos recursos que no decorrer do discurso ditavam o tom e a intenção do locutor, como nas informalidades presentes na conjugação dos verbos, na escolha do vocabulário simples, usado em conversas corriqueiras, no uso de pronomes pessoais como o ‘você’, além do frequente uso de repetições. Essas escolhas caracterizam uma clara intenção de aproximação com os interlocutores, facilitando o diálogo e consequente convocação dos mesmos.

O ponto de maior relevância ao término da análise foi a compreensão da diversidade de gêneros existentes e de como são alguns elementos presentes nos discursos que dão o tom que se pretende, e que foi conferido ao ethos da personagem. O discurso em questão se encaixa em um discurso político, visto que sua intenção é política, porém o que determina o tom revolucionário são as escolhas sintáticas e semânticas.

Todas as características aqui analisadas juntamente com o contexto em que o filme se estrutura parecem cumprir o papel ao qual foram idealizadas, gerando uma idolatração à personagem não só no filme quanto na vida real. Visto que ocorreu um



intenso uso da máscara da personagem por grupos durante os protestos ocorridos no ano de 2013, sendo essa, a principal marca da personagem V. Essa questão fica também evidenciada no discurso trazido do Che Guevara onde, apesar das diferenças contextuais, semelhanças sintáticas e semânticas foram constatadas. Deste modo é interessante observar a interrelação presente em todas essas formas de enunciação, em que um discurso ficcional embasado em um cunho político, serve como base para que outros discursos se construam em outros contextos, com diferentes intenções, sem perder o sentido.

## REFERÊNCIAS

FIORIN, José Luiz. **Elementos do discurso**. São Paulo: Contexto, 2005

KOCH, Ingedore. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1995.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes/EDUSC, 1989.

Mensaje a los Pueblos del Mundo. Che Guevara. Disponível em: <<http://retoricas.com/2009/07/mensaje-los-pueblos-del-mundo-che.html>>. Acesso em 19 de julho de 2013